

**O MERCADO EMERGENTE DE LARES DE PESSOAS QUE MORAM SOZINHAS: ESTUDO INTRODUTÓRIO ACERCA DAS VARIÁVEIS QUE EXPLICAM ESSE FENÔMENO MUNDIAL**

Pedro Paulo Santos Cavalcante - Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM

Guilherme Masaaki Koreeda

Ricardo Zagallo Camargo - ESPM

Evandro Luiz Lopes

**Resumo**

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico estima que em 2030 aproximadamente 40% dos domicílios dos países do bloco serão compostos por pessoas que moram sozinhas. Será a primeira vez que esse tipo de arranjo domiciliar suplantará os arranjos familiares tradicionais de casais com ou sem filhos. Este trabalho pretende investigar as características socioeconômicas que se relacionam com o percentual de lares unipessoais em escala global. Para identificação das principais variáveis socioeconômicas relacionadas ao surgimento e atual crescimento de lares unipessoais, foi explorada a literatura científica, assim como estudos demográficos e estatísticos. Para análise de correlação de Spearman foram utilizadas fontes secundárias de diversos bureaus e organismos internacionais. Com resultado, encontramos que apesar das variáveis citadas pela literatura serem estatisticamente consistentes, a inclusão de uma nova variável relacionada à desigualdade de gênero apresentou um elevado coeficiente de correlação, sugerindo que os indicadores tradicionais de desenvolvimento podem ser complementados. Conclui-se que os estudos sobre lares unipessoais nos países com baixo nível de desenvolvimento são escassos, mas importantes para suportar estratégias públicas e privadas.

**Palavras-chave:** Lares Unipessoais, Transições Demográficas, Arranjos Domiciliares

**Abstract**

The Organization for Economic Cooperation and Development estimates that by 2030 approximately 40% of households of the countries who compose the bloc will be composed of people who live alone. It will be the first time that this type of home arrangement will supplant the traditional family arrangements of couples with or without children. This work intends to investigate the socioeconomic characteristics that are related to the percentage of single-person households on a global scale. To identify the main socioeconomic variables related to the emergence and current growth of single-person households, the scientific literature was explored, as well as demographic and statistical studies. For Spearman's correlation analysis, secondary sources from different bureaus and international organizations were used. As a result, we found that despite the variables cited in the literature being statistically consistent, the inclusion of a new variable related to gender inequality showed a high correlation coefficient, suggesting that traditional development indicators can be complemented. It is concluded that studies on single-person households in countries with a low level of development are scarce, but important to support public and private strategies.

**Keywords:** One-person household, Demographic Transitions, Household Arrangements

# **O MERCADO EMERGENTE DE LARES DE PESSOAS QUE MORAM SOZINHAS: ESTUDO INTRODUTÓRIO ACERCA DAS VARIÁVEIS QUE EXPLICAM ESSE FENÔMENO MUNDIAL**

## **1. INTRODUÇÃO**

O estudo “*Future of the Family*” (Euromonitor, 2019a) traz projeções surpreendentes acerca do crescimento da população mundial segundo o estado civil, apontando que, até 2030, a quantidade de divórcios aumentará 79%, a população de pessoas casadas e viúvas crescerá em torno de 42% e 45%, respectivamente, e a população de pessoas solteiras aumentará em torno de 35%. Dados que ilustram o surgimento das chamadas sociedades “pós tradicionais” (Uribe Díaz, 2010), caracterizadas por uma redução na taxa de casamentos e um crescimento na taxa de divórcios, com mudanças significativas nas composições familiares. Um cenário no qual os arranjos familiares tradicionais, compostos por pai, mãe e filho(a)(s), mesmo que ainda predominantes, começam a ceder lugar a outros arranjos, como casais sem filho(a)(s), casais não casados criando filhos, casais do mesmo sexo (com ou sem filhos), lares monoparentais (pai ou mãe e filho), e lares compostos por apenas uma pessoa, os também chamados lares unipessoais, entre outras combinações (Comissão Europeia, 2018; Euromonitor, 2019b; IBGE, 2016; Ospina, 2020; OCDE, 2019a; Snell, 2017).

Nesse contexto chama a atenção o fenômeno dos lares unipessoais. Estudos da OCDE (2019b) indicam que até 2030, aproximadamente 40% dos domicílios dos países que compõem essa organização serão compostos por lares de pessoas que moram sozinhas, o que segundo a Euromonitor (2019a) representará um contingente de 120 milhões de pessoas. Além disso, nas últimas décadas já se verifica o crescimento desse tipo de arranjo. Em 1990, a Suécia era o país que apresentava a taxa mais elevada de lares unipessoais na Europa (39,6%). Em 2018 o posto foi ocupado pela Dinamarca, com lares unipessoais respondendo por aproximadamente 46% de todos os domicílios deste país (Our World in Data, 2022). No âmbito das cidades, Estocolmo, capital da Suécia, alcançou, em 2012, a marca de 60% de domicílios compostos por lares unipessoais (Snell, 2017), assumindo o primeiro lugar no ranking de cidades no mundo com maior percentual de pessoas vivendo sozinhas. E apesar desse ranking só considerar países da Europa, América do Norte e o Reino Unido a literatura indica que esse fenômeno parece ter avançado geograficamente. Segundo Ullmann & Rico (2014), os lares unipessoais já são a terceira maior composição de domicílios na América Latina e no Brasil os domicílios compostos por apenas uma pessoa representam 12,1% de todos os arranjos familiares (IBGE, 2010).

Buscando entender o crescimento dos lares unipessoais, um estudo elaborado pela Comissão Europeia (2018), analisando os países da OCDE, apontou que tanto homens como mulheres querem primeiro se estabelecer no mercado de trabalho antes de fundar uma família. Nos Estados Unidos, Vespa (2017) conduziu uma série de estudos para traçar um panorama do perfil do novo jovem adulto estadunidense, revelando que concluir a escolaridade formal e ter emprego em tempo integral são consideradas as experiências mais importantes para se tornar um adulto, ao passo que casar e ter filhos não apareceram como condições importantes. Na mesma pesquisa, para menos de 10% dos entrevistados(a) ter filho era um imperativo para ser feliz na vida.

Além de sinalizar novos valores e um possível estilo de vida, viver sozinho parece estar ligado a mais dinamismo econômico (Ogden; Hall, 2000) e, como observam Mihalopoulos et al. (2021), o maior percentual de pessoas morando sozinhas parece estar relacionado com maior desenvolvimento econômico, apontando para o surgimento de novas configurações de mercado, pois como destacam Venkatesh e Peñaloza (2006) mercados não são entidades universais e

estáveis, mas assumem diferentes formas discursivas e práticas materiais de acordo com os contextos sociais, variando ao longo do tempo.

A importância social e mercadológica, assim como a ausência de precedentes históricos justificam, portanto, o investimento na compreensão dessa nova “sociedade de solteiros” (Klinenberg, 2012, p.21). Soma-se a isso a escassa literatura capaz de explicar esse fenômeno de um ponto de vista socioeconômico. Grande parte da literatura que fala dos lares unipessoais tendem a abordar esse fenômeno pelo ponto de vista da saúde geriátrica, relacionando a terceira idade e o morar sozinho (Victor & Bowling, 2012; Tilvis, Laitala et al., 2011, Shiovitz-Ezra, Ayalon, 2010; Victor, Scambler et al., 2005), e/ou pela ótica da saúde mental, onde a solidão vem sendo detectada como um dos desafios para os profissionais que trabalham com saúde mental (Snell, 2017; Putnam, 2000; Cacioppo & Patrick, 2008; Killeen, 1998; Jones, Rose & Russell, 1990; Broke & Rokach, 1998). Poucas pesquisas buscam entender as implicações econômicas sobre a participação desses domicílios na economia como um todo.

Diante disso, este estudo se propõe a analisar os lares unipessoais de forma original, explorando estudos demográficos prévios para compreender as variáveis socioeconômicas que podem explicar o fenômeno. A partir da criação de uma base com dados secundários disponibilizados pela Organização das Nações Unidas e pelo Banco Mundial, efetuamos uma análise de correlação entre as variáveis sugeridas pela literatura, para identificar pistas que possam explicar a formação de lares unipessoais. Desta forma, buscamos oferecer elementos para identificar as bases que configuram o estilo de vida e padrão de consumo associados aos lares unipessoais, compreendidos como agentes econômicos em ascensão.

## **2. REVISÃO DA LITERATURA E ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

Em 2018, a então primeira-ministra do Reino Unido, Theresa May, anunciou a criação do Ministério da Solidão. Em seu discurso, a britânica falou sobre a “triste realidade” que atingia 9 milhões de ingleses, em especial os mais velhos (Associated Press, 2018). A criação desse ministério foi ao encontro do que a literatura acadêmica estava produzindo há pelo menos uma década. Como já afirmava Killen (1998), estamos face ao que ele conceituou como a “epidemia da solidão”. Na esteira de seu estudo, vários outros artigos começaram a se debruçar sobre a solidão e como ela vinha atingindo especialmente as pessoas que viviam sozinhas e seus efeitos negativos sobre a saúde mental (Snell, 2017; Putnam, 2000; Cacioppo & Patrick, 2008; Killeen, 1998; Jones, Rose & Russell, 1990; Broke & Rokach, 1998), assim como estudos sobre pessoas mais idosas morando sozinhas (Victor & Bowling, 2012; Tilvis, Laitala et al., 2011, Shiovitz-Ezra & Ayalon, 2010; Victor, Scambler et al., 2005).

Como podemos observar, a literatura sobre os lares unipessoais está bastante focada na saúde, seja mental ou fisiológica. Diante disso, procuramos na demografia respostas que nos dessem indícios da origem do fenômeno e de quais variáveis socioeconômicas poderiam explicá-lo.

### **2.1 As Transições Demográficas**

A relação entre população e desenvolvimento sempre esteve presente nos clássicos da economia, sociologia, demografia, e outros ramos da ciência (Brito, 2007).

A Primeira Transição Demográfica (PTD), que aconteceu a reboque da revolução industrial e foi até o final da segunda guerra mundial, foi possível principalmente pelo surgimento de grandes cidades que ofereciam melhores condições sanitárias e pelo próprio ambiente de evolução científica e tecnológica decorrente da revolução industrial. Isso possibilitou descobertas científicas que diminuíram a taxa de mortalidade em geral (em especial, a infantil), assim como a taxa de

fecundidade, e, conseqüentemente, o tamanho das famílias, e por fim se observou um aumento na expectativa de vida (Lesthaeghe, 1991).

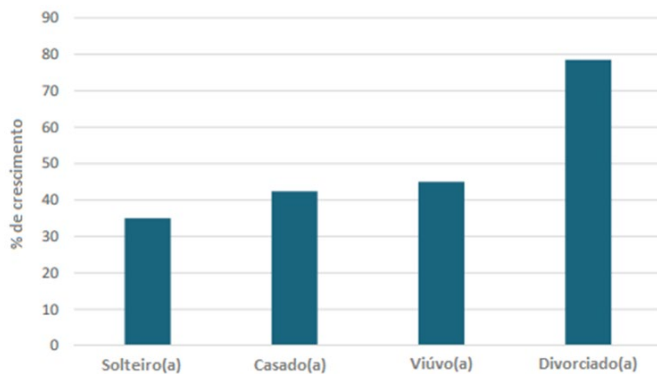
Na segunda metade da década de 1980, percebendo o aprofundamento dessas mudanças demográficas, Van de Kaa (1987) lançou o arcabouço do que ele conceituou como Segunda Transição Demográfica (STD). Segundo ele, a STD se definia pelas seguintes características: “a) taxas de fecundidade abaixo do nível de reposição; b) adiamento do nascimento do primeiro filho; c) crescimento do número de filhos fora do casamento; d) mudanças no padrão de casamento e da maternidade/paternidade; e) crescimento da coabitação e das uniões consensuais; f) diversificação dos arranjos familiares e domiciliares; g) crescimento do número de divórcios e separações” (Van de Kaa, 1987, p. 11).

Desta forma a STD pode ser vista como um aprofundamento da PTD (Lesthaeghe, 2014), não apenas enquanto a consolidação da tendência de queda das taxas de fecundidade, mas “principalmente devido à diversificação e ampliação dos novos arranjos familiares, das mudanças no comportamento sexual e do papel dos filhos na dinâmica das famílias” (Alvez & Cavenaghi, 2006, p. 6).

Entretanto, as mudanças observadas na STD seguiram se aprofundando, com a queda das taxas de casamento e aumento das taxas de divórcio, que contribuíram para o aumento das famílias monoparentais e das “famílias reconstituídas”. Segundo dados da Comissão Europeia (2016), o casamento ainda é a opção preferida de parceria para a maioria dos casais, mas como mostra o relatório da Euromonitor (2019b), as taxas de divórcio estão aumentando globalmente e as populações com estado civil divorciado serão de longe as que mais crescerão entre 2000 até 2030. Durante o mesmo período, esse estudo projeta que o número de lares unipessoais crescerá três vezes mais do que as famílias de casais com filhos. Sobre isso ver Figuras 1 e 2.

**Figura 1**

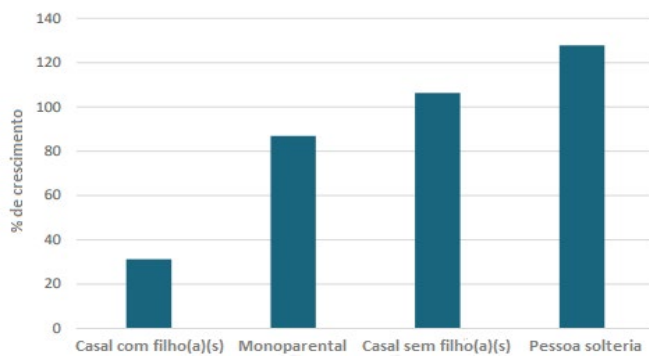
Crescimento percentual da população segundo o estado civil 2018 – 2030



Fonte: Euromonitor

**Figura 2**

Crescimento percentual por tipo de arranjo familiar 2018 -2030



Fonte: Euromonitor

O declínio nas taxas de casamento está relacionado ao surgimento de formas familiares não tradicionais, incluindo relacionamentos que envolvem os parceiros mantendo seu próprio local de residência, “relacionamentos de fim de semana”, “morando juntos” e uniões civis. O casal DINC (Duplo Ingresso, Nenhuma Criança, ou em inglês; Double Income, No Children) é exemplo de um arranjo familiar que dá mais valor para a autossatisfação e para a realização dos desejos presentes do que para a satisfação futura de novas gerações. O mesmo acontece com homens e mulheres que não se casam e não têm filhos e optam por vidas independentes (living-apart together). (Alvez & Cavenaghi, 2006).

Todas as mudanças sociais acima descritas, associadas a taxas de fecundidade abaixo da reposição e em um cenário de alta imigração internacional, fizeram com que Coleman (2006) concluísse que estamos vivendo o que ele chamou de Terceira Transição Demográfica (TTD). Como nos alertou Uribe Diaz (2010), a compreensão da família nuclear, cuja finalidade principal era a reprodução biológica e social, entrou em crise. Segundo as projeções do Euromonitor (2020) e da OCDE (2011), os lares unipessoais entraram na lista das dez maiores tendências demográficas da humanidade. “ (...) as pessoas são mais propensas a viver sozinhas em países ricos, e a prevalência de famílias de uma só pessoa é sem precedentes historicamente.” (Ospina, p. 01, 2020, tradução nossa).

## **2.2 Família e Não-Família**

O entendimento do conceito de “família” e “não família” vai além da compreensão do funcionamento da demografia de uma população, esse conceito será a base de sustentação que permeará toda a lógica de como os países enxergam o indivíduo na sociedade e conseqüentemente como os países irão colocar em prática as suas políticas públicas (Nascimento & Campos, 2013). Estudar a lógica que se esconde atrás do conceito de família e não família abre um campo de investigação que pode explicar por que alguns países alcançaram taxas de pessoas morando sozinhas tão altas e outros não.

Dois bons exemplos para efeito de comparação são a Suécia e o Brasil. Por volta dos anos 90, a Suécia promoveu uma série de reformas sociais que auxiliavam desde estudantes até idosos, como esses programas eram muito focados no indivíduo, eles ficaram conhecidos como “Individualismo Estatal” (Daun, 2010). Nos anos 2000, o Brasil lançou o Bolsa-Escola, que posteriormente foi chamado de Bolsa-Família e o programa “Minha Casa, Minha Vida”, que posteriormente foi renomeado de “Casa Verde Amarela”. O programa Minha Casa, Minha vida, é um programa social de habitação voltado para famílias de baixa renda (Brasil, 2022). Já o Bolsa- Família, como o próprio nome sugere, é um programa voltado para a família, tendo a mãe como beneficiária do auxílio financeiro, com a condição de que seus filhos frequentem a escola, estejam com o ciclo vacinal em dia, entre outros (Soares, 2011; Gomes, 2017). Com esses exemplos, percebemos como o Estado vai procurar entender a sociedade seja pela ótica do indivíduo ou da família, conseqüentemente isso se refletirá nas políticas públicas que serão levadas a cabo, enquanto umas terão como destino final a família (Brasil) outras irão focar no indivíduo (Suécia).

Essa lógica de “família” e “não família” permeará também a forma como as agências de estatísticas abordarão o tema dos lares unipessoais. É interessante observar que enquanto os órgãos estatísticos europeus (Eurostat) e norte americano (Census Bureau) têm um enfoque na moradia (“household”) e na quantidade de pessoas que moram no lar, os órgãos latino-americanos (Cepal e IBGE) tendem a buscar entender os arranjos domiciliares através da composição familiar. Essa diferença na forma de pensar e interpretar a família pode ser um indicativo do porquê as agências europeias e norte americanas atacam a questão demográfica pela ótica do tamanho do lar e as agências latinas pela composição da família. Um bom exemplo é o como IBGE classificou e conceituou a família na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD): “Considerou-se como família o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, que residissem na mesma

unidade domiciliar e, também, a pessoa que morasse só em uma unidade domiciliar” (IBGE, 2015, p. 15). Ou seja, para o IBGE, um lar composto por apenas uma pessoa, também é uma família.

### **2.3 Unipessoais, mas diversos e plurais**

A despeito da discrepância em como abordar a temática dos lares unipessoais, todas as agências parecem seguir um padrão na hora de conceituar quem são as pessoas que compõem esses domicílios (CEPAL, 2010, IBGE, 2010, OCDE, 2019b, Comissão Europeia, 2018). Segundo o IBGE (2010): “Sua composição é diversificada, sendo formada por jovens que deixaram a casa dos pais para mais tarde formar uma família com um cônjuge; ou por pessoas que se divorciaram, que podem se casar novamente; viúvas e viúvos” (p. 85).

Como podemos observar, é um grupo fácil de identificar, pois para classificar um lar como unipessoal basta ter apenas uma pessoa vivendo dentro do domicílio. Entretanto, jogando uma lupa sobre essa população, percebemos que estamos falando de pessoas em diferentes condições etárias, civil, de renda, entre outras. Um grupo diverso e plural, com necessidades e anseios bastante diferentes. Além disso, quando falamos da população de pessoas que vivem sozinhas, é importante destacar que essas pessoas não estão permanentemente sozinhas ou isoladas da sociedade. Como nos lembra a CEPAL (2010), essas pessoas estão rodeadas por uma complexa rede social composta por familiares, amigos(as), colegas de trabalho, vizinhos, entre outros.

Outro ponto importante levantado por Singles (2008), é que existe uma significativa diferença entre viver sozinho e ser solteiro ou divorciado. Uma pessoa pode ser solteira e dividir apartamento com um(a) amigo(a) ou parente, assim como é possível cônjuges morarem em lugares diferentes. Outra situação encontrada é uma pessoa divorciada morar sozinha durante a semana e nos finais de semana receber os seu(s) filho(a)(s) que moram durante a semana com o(a) ex-parceiro(a). Uma pessoa pode morar sozinha durante a semana e passar o fim de semana na casa dos pais ou do(a) namorado(a). Isso nos leva a concluir que a natureza de morar sozinho é muito porosa e cheia de nuances. Ainda que uma pessoa more sozinha, isso não exclui que ela transite em outros arranjos familiares.

Outro olhar importante sobre as pessoas que vivem sozinhas é que essa é uma população flutuante, ou como escreveu Barrón (2002), é fenômeno com rotas de entrada variadas, tais como a ruptura das relações conjugais (divórcio, separação e abandono), separações ligadas a emigração ou profissões privadas que impossibilitem convivência conjugal, além da opção pessoal por formar uma família unipessoal. E com rotas de saída, como a retomada da coabitação conjugal, por reagrupamento familiar entre cônjuges imigrantes, ou reintegração do progenitor que esteve fisicamente ausente por motivo de trabalho, internamento prisional ou hospitalar.

## **3. MÉTODO**

Nesta seção será apresentado o percurso metodológico da condução empírica deste estudo.

### **3.1 Base de Dados e Amostragem**

A base de dados utilizada neste trabalho foi construída a partir de informações reunidas e disponibilizadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pelo Banco Mundial (BM), sendo que as variáveis de interesse foram *Share of one-person households* (SHOP, calculada como sendo o percentual de lares unipessoais sobre o total de lares), *Índice de Desigualdade de gênero* (GII, “reflete desigualdades com base no gênero em três dimensões – saúde reprodutiva, autonomia e atividade econômica” (ONU, 2022)), *Índice de Desenvolvimento Humano* (IDH, este índice é composto por três pilares: saúde, educação e renda), *Renda per capita* (GDPPC, definida como a razão entre o PIB e o total populacional), *Índice de Educação* (EI, O índice de escolaridade é uma média da média de anos de escolaridade (dos adultos) e

dos anos esperados de escolaridade (das crianças), ambos expressos como um índice obtido por escalonamento com os máximos correspondentes) e *Expectativa de vida ao nascer* (LE, expectativa de vida masculina e feminina ao nascer). Com relação à variável *Renda per capita* (GDPPC), optou-se por sua linearização através de uma transformação logarítmica.

Após a extração e tratamento das tabelas de dados, obteve-se uma base de  $n=123$  observações. Os valores das variáveis foram extraídos no nível dos países, e calculados para os níveis agregados. A Tabela 1 apresenta a distribuição total e amostral dos países entre os cinco continentes. Nela, é possível observar que a amostra apresenta boa representatividade, com exceção do continente “Oceania”.

A escolha das variáveis independentes se deu de acordo com o que a própria literatura vem analisando como possíveis causas do aumento de lares unipessoais no mundo. Sobre *Renda per capita* (GDPPC) e *Índice de Desenvolvimento Humano* (IDH), nos embasamos nos estudos da OCDE (2019), IBGE (2010), CEPAL (2006) e Ospina (2020), sobre *Expectativa de vida ao nascer* (LE), nos embasamos em Comissão Europeia (2018) e Ospina (2020), sobre *Índice de Educação* (EI), nos embasamos em Vesta (2017), OCDE (2019) e Comissão Europeia (2018), e, por fim, escolhemos a variável independente do *Índice de Desigualdade de gênero* (GII) nos embasando em Van de Kaa (1987) e Coleman (2006).

**Tabela 1** - Distribuição de países por continentes

Região/sub	Amostra		Total		Região/sub	Amostra		Total	
	n	%	n	%		n	%	n	%
<b>Africa</b>	<b>33</b>	<b>26.8%</b>	<b>60</b>	<b>24.2%</b>	<b>Europe</b>	<b>35</b>	<b>28.5%</b>	<b>51</b>	<b>20.6%</b>
Northern Africa	3	2.4%	7	2.8%	Eastern Europe	7	5.7%	10	4.0%
Sub-Saharan Africa	30	24.4%	53	21.4%	Northern Europe	10	8.1%	16	6.5%
<b>Americas</b>	<b>24</b>	<b>19.5%</b>	<b>57</b>	<b>23.0%</b>	Southern Europe	11	8.9%	16	6.5%
Latin America and the Caribbean	22	17.9%	52	21.0%	Western Europe	7	5.7%	9	3.6%
Northern America	2	1.6%	5	2.0%	<b>Oceania</b>	<b>3</b>	<b>2.4%</b>	<b>29</b>	<b>11.7%</b>
<b>Asia</b>	<b>28</b>	<b>22.8%</b>	<b>51</b>	<b>20.6%</b>	Australia and New Zealand	2	1.6%	6	2.4%
Central Asia	4	3.3%	5	2.0%	Melanesia	1	0.8%	5	2.0%
Eastern Asia	3	2.4%	8	3.2%	Micronesia	0	0.0%	8	3.2%
South-eastern Asia	7	5.7%	11	4.4%	Polynesia	0	0.0%	10	4.0%
Southern Asia	5	4.1%	9	3.6%	<b>Total</b>	<b>123</b>	<b>100%</b>	<b>248</b>	<b>100%</b>
Western Asia	9	7.3%	18	7.3%					

Fonte: ONU e Banco Mundial.

### 3.2 Instrumental de Análise

Este trabalho caracteriza-se por ser uma análise descritiva quantitativa ao fazer uso da técnica de análise correlacional de Spearman, haja vista que apesar das variáveis serem métricas, elas não possuem distribuição normal. Como ferramenta, foi utilizado o *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), com a adoção de um nível de significância estatística típico de 5% para validação dos resultados (Hair et al., 2009).

## 4. RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados os principais achados da fase empírica desta pesquisa.

### 4.1 Perspectiva Global

A análise de correlação para todos os países da amostra, o que se denominou *Perspectiva Global* ( $n=123$ ), apresentou resultados consistentes com a literatura, haja vista que as variáveis dependentes possuem uma associação forte com o percentual de lares unipessoais ( $\rho > 0,60$ ). É importante notar que a variável *GII* também apresentou alto grau de associação ( $\rho = -0,704$ ), sendo, portanto, uma candidata a variável explicativa.

**Tabela 2** - Correlação de Spearman na Perspectiva Global

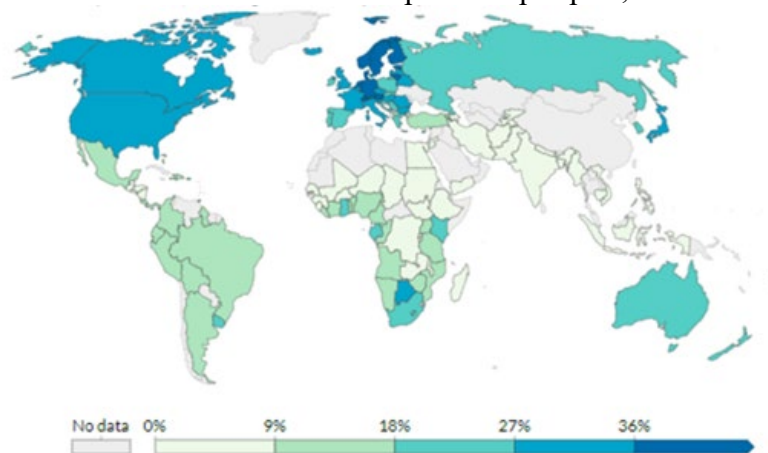
Rhô de Spearman	<i>Share of one-person households</i> ( $n=123$ )
<i>Gender Inequality Index</i>	-0,704



<i>Life expectancy at birth</i>	0,608
<i>Education Index</i>	0,771
<i>IDH</i>	0,755
<i>Ln(GDPPC)</i>	0,758

A tendência de aumento dos lares unipessoais se estende por várias regiões do mundo, em maior e menor intensidade conforme a região. Conforme podemos ver na Figura 3, existem grandes diferenças na distribuição percentual entre os países. De um lado temos os países nórdicos atingindo uma média superior a 40% de suas populações morando sozinhas, e no outro extremo, temos países da América Latina e África com o percentual de lares unipessoais variando entre 9% e 18%, salvo algumas exceções.

**Figura 3** - Percentual de domicílios unipessoais por país, 2015.

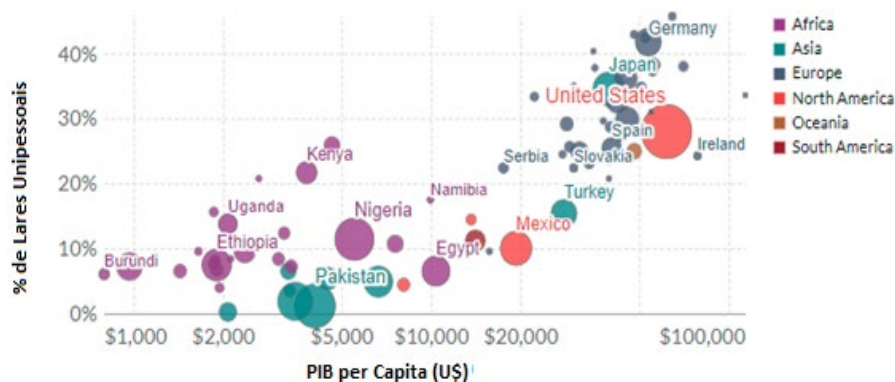


Fonte: ONU

Como seja, por meio da Figura 3, é possível constatar que o fenômeno dos lares unipessoais é global (Ospina, 2020). A prevalência atual de famílias unipessoais é sem precedentes na história e com base nisso nosso estudo se debruçou sobre quais variáveis poderiam impactar de forma mais significativa na composição desses lares.

A respeito dos resultados que foram apresentados na nossa análise, pela constante menção na literatura em que através da observação OCDE (2019), IBGE (2010) e Ospina (2020) acreditavam que o fenômeno dos lares unipessoais se dava em maior proporção de países ricos e com alto desenvolvimento humano, nosso estudo conseguiu trazer evidências estatísticas. Além disso, através da Figura 4, é possível visualizar como os países de renda per capita mais alta possuem um maior percentual de lares unipessoais, e no lado oposto, os países com menor renda per capital tem percentualmente menos domicílios ocupados por apenas uma pessoa.

**Figura 4** - Dispersão entre o percentual de pessoas que moram sozinhas versus PIB Per Capita por país no mundo, 2018.



Fonte: Our World in Data – OWID

O IDH, por ser um indicador que é composto por vários outros subindicadores, foi uma variável que esperávamos apresentar uma correlação relevante, o que de fato ocorreu, pois, essa variável apresentou uma associação linear de 75,50% de todos os lares unipessoais no mundo.

Ainda nessa escala global, o que mais chamou a atenção foram as correlações das variáveis *Índice de Educação* ( $\rho = 0,771$ ) e o *Log da Renda Per Capita* ( $\rho = 0,758$ ), que apresentaram respectivamente as maiores associações lineares com o percentual de lares unipessoais. Esses dados dialogam com o que observamos na literatura. Vesta (2017) através de seus estudos de entrevistas comportamentais com os jovens estadunidenses, e OCDE (2019) e CEPAL (2010), através de suas análises em vários países, concluíram que os jovens adultos preferem concluir seus estudos e se firmarem profissionalmente para depois pensarem em casar ou ter filhos. Ou seja, o papel da instituição família e filhos vem sendo relegado ao segundo plano, onde a prioridade vem sendo substituída pela educação e emprego.

Sobre o *Índice de Desigualdade de gênero* (GII), a literatura também faz referência ao papel da mulher como protagonista para a segunda e terceira transição demográfica. A segunda transição demográfica é caracterizada pela queda das taxas de natalidade, sendo esse um dos resultados diretos da entrada das mulheres no mercado de trabalho, assim como a popularização de métodos anticoncepcionais, foi dado à mulher de forma legal e via política pública a opção de escolher sobre quando e se queria ter filhos (Van de Kaa, 1987). A terceira transição demográfica apresenta taxas de natalidades ainda mais baixas, visto que a igualdade de oportunidade nas esferas da educação, no mercado de trabalho e em termos políticos, fez com que as mulheres escolhessem atrasar ainda mais a opção do casamento, assim como o nascimento do seu primeiro filho (Coleman, 2006). Entretanto, essa realidade parece se aplicar principalmente aos países Ocidentais, onde o Estado de direito que as mulheres alcançaram é maior do que em países que, por questões às vezes religiosas, ou por tabus tribais, as mulheres têm o direito a educação negado (por ex. Afeganistão), assim como a sua própria independência financeira e direitos de escolha (por ex. Etiópia, Níger, Chade e Uganda).

Acreditamos que a razão pela qual essa correlação seja tão alta é devido ao fato que essa variável consegue capturar que em países onde as mulheres gozam de seus direitos plenamente, através de leis, onde elas podem estudar e trabalhar em condições de menor desigualdade em relação aos homens, estão escolhendo atrasar o casamento e a geração de um filho (Comissão Europeia, 2018). Mesmo casadas, esses Estados oferecem a oportunidade de separação, se elas assim o quiserem. E caso elas fiquem viúvas, fica sobre a escolha delas morarem sozinhas ou dividir o lar com outra pessoa. Em que pesem as desigualdades de gênero ainda enfrentadas por mulheres em todos os países, trata-se de uma situação diferente de sociedades como a Arábia Saudita, onde as mulheres não gozam de Estado de direito, saem da casa dos pais para se casarem, e mesmo que fiquem viúvas, o Estado nega a elas o direito de viverem sem um homem, sendo obrigadas a morar com algum filho ou parente próximo.

#### **4.2 Perspectiva da União Europeia e OCDE**

As mudanças nas composições familiares que observamos na Terceira Transição Demográfica (TTD), em especial a explosão dos lares unipessoais, são visivelmente mais nítidas na Europa e nos Estados Unidos. Segundo estudos da Eurostat, a agência de estatística da União Europeia, a média de pessoas morando sozinhas nos 28 países que compõem a União Europeia foi de 33% em 2018. Já analisando os países que compõem a OCDE, a média ficou em 31%. E analisando os países da América do Norte, tanto Estados Unidos, quanto Canadá, ambos têm uma média de 28% da sua população composta por pessoas morando sozinhas. Ou seja, na distribuição da composição dos lares nesses países, o percentual de lares unipessoais, em geral varia entre o primeiro e o terceiro lugar no que diz respeito ao principal grupo na composição dos domicílios desses países.

**Figura 5** - Principais tipos de arranjo familiar da União Europeia (n=28) em termos percentuais a população de 2007 a 2016.



Fonte: Eurostat.

Analisando detalhadamente o conjunto dos países acima, percebemos que eles possuem diferenças entre si. Nos países nórdicos, com exceção da Islândia, que tem 31% dos seus domicílios compostos por lares unipessoais, todos os outros têm um percentual de ao menos 43% da sua população vivendo sozinha, são eles: Noruega (46%), Dinamarca (44%) Suécia (43%) e Finlândia (43%).

Mesmo tirando os países Nórdicos, que possuem um padrão muito acima da média de lares unipessoais, ainda assim conseguimos observar uma grande diferença entre os países. Utilizando exclusivamente os países da União Europeia, em um extremo temos a Alemanha, Estônia e Holanda, com 42%, 40% e 38% das suas respectivas populações vivendo sozinhas, e no outro extremo temos Espanha, Irlanda e Portugal com 26%, 24% e 23% de seus domicílios compostos por lares unipessoais. Esses números parecem indicar que existe um conjunto de fatores subjacentes que explicam comportamentos tão díspares.

Diante disso, efetuamos a análise de correlação para o subgrupo União Europeia ( $n=27$ ), obtendo resultados em geral consistentes com a literatura, exceto pelo achado de que a *Expectativa de vida ao nascer* (LE) não apresentou significância estatística adequada. Ademais, constata-se que a força das correlações diminuiu quando comparada com a perspectiva Global.

**Tabela 3** - Correlação de Spearman na perspectiva da União Europeia

Rhô de Spearman	<i>Share of one-person households</i> ( $n=27$ )
<i>Gender Inequality Index</i>	-0,408
<i>Life expectancy at birth</i>	0,000
<i>Education Index</i>	0,509
<i>IDH</i>	0,469
<i>Ln(GDPPC)</i>	0,449

Isso pode ser explicado pelo fato de que a União Europeia vive em um Estado de bem-estar social alto, de maneira que os avanços sociais estão difundidos em sua população de maneira mais arraigada. Com relação à *Expectativa de vida ao nascer* (LE), a hipótese é a de que para o agrupamento analisado essa não é uma variável que diferencia os segmentos da sociedade.

Outro ponto é o Estado de direito dos países dessa região. Esses países tiveram grandes avanços em termos de inclusão e diversidade, principalmente na área de igualdade de gênero. Nos países dessa região houve avanços importantes no acesso das mulheres à educação e ao mercado de trabalho. Este Estado de direito parece estar tão plasmado na sociedade europeia, que essa variável também parece não ter tido relação causal com os lares unipessoais.

Analisando os dados da OCDE, as duas variáveis que apresentaram maior correlação foram o *Índice de Desigualdade de gênero* (GII) ( $\rho = -0,725$ ) e o *Log da Renda per capita* ( $\rho = 0,606$ ). Curiosamente, são as duas variáveis que apresentaram menor correlação quando a regressão foi feita com os países da União Europeia. É importante lembrar que a OCDE é uma organização composta por um total de 38 países, que estão na América do Norte e do Sul, na Europa e na Ásia-Pacífico. Incluindo os países que respondem pelas maiores economias do mundo, assim como países de alto IDH, mas a organização também tem países emergentes como a Colômbia, o México, o Chile e a Turquia. Desses 38 países, 26 são europeus.

Quando estudamos apenas países da União Europeia, o *Índice de Desigualdade de gênero* (GII) não apresentou correlação significativa, na verdade, esse foi o índice que apresentou menor correlação. Entretanto, quando rodamos a regressão para a OCDE, a profusão de realidades distintas que compõe os países da Organização se sobressaiu e impactou diretamente na variável. O que nos leva a reforçar a ideia de que o Estado de direito nos países europeus é tão alto que a variável *Índice de Desigualdade de gênero* (GII) teve uma correlação fraca quando comparada com os países desse bloco entre si. Porém, quando os países da União Europeia, foram colocados juntos com países em desenvolvimento, a variável mostrou uma correlação forte, de tal forma que *Índice de Desigualdade de gênero* (GII) apresentou uma associação linear de 72,50% aos lares unipessoais da OCDE.

**Tabela 4 - Correlação de Spearman na perspectiva da OCDE**

Rhô de Spearman	<i>Share of one-person households</i> (n=37)
<i>Gender Inequality Index</i>	-0,725
<i>Life expectancy at birth</i>	0,000
<i>Education Index</i>	0,543
IDH	0,563
<i>Ln(GDPPC)</i>	0,606

Outro dado que chama bastante a atenção é como a *Renda per capita* (GDPPC) também teve uma correlação maior na OCDE do que na União Europeia. Apesar de possuir diferenças intra países, os países da Zona do Euro possuem uma renda per capita alta, mesmo os países com menor renda per capita desse bloco, quando comparado com algum país em desenvolvimento, automaticamente a questão cambial faz com que a renda per capital do país europeu. Em outras palavras, quando comparados entre si, os países desse bloco apresentam pouca diferença, entretanto, quando são considerados todos os países da OCDE, a diferença da renda per capita aparece. E apesar de não apresentar uma correlação alta possui correlação moderada, de forma que a renda per capital está associada a 60,6% dos lares unipessoais dos países da OCDE.

### 4.3 América Latina

Para este recorte, a análise de correlação também apresenta resultados consistentes com a literatura, exceção da variável Expectativa de Vida. É possível constatar que os resultados são bastante semelhantes com o que foi apresentado sobre a União Europeia, com a diferença de que as magnitudes de associação são mais fortes.

**Tabela 5 - Correlação de Spearman na perspectiva da América Latina**

Rhô de Spearman	<i>Share of one-person households</i> (n=22)
<i>Gender Inequality Index</i>	-0,487
<i>Life expectancy at birth</i>	0,000
<i>Education Index</i>	0,663
IDH	0,660

Em seu estudo sobre a composição dos domicílios latino-americanos, a CEPAL (2010) tentou estabelecer uma relação entre o IDH e PIB per capita dos países para explicar o fenômeno dos lares unipessoais “o aumento dos domicílios não familiares (unipessoal e sem núcleo) e o declínio acelerado dos domicílios nucleares biparentais é um fenômeno característico dos domicílios localizados nos estratos mais altos”. Estudando os dados do Our World in Data, percebemos que parecia existir correlação dado que Argentina e Uruguai possuem respectivamente o segundo e terceiro maior IDH da região e são os países com o maior percentual de pessoas morando sozinhas. Entretanto, essa correlação já parecia inconclusiva pois Chile, México e Brasil, que também tem IDH e PIB Per Capita altos, possuíam menos de 15% de seus lares composto por pessoas sozinhas, sobre isso ver a Tabela 6.

**Tabela 6 - Relação entre os índices de IDH e PIB per capita e etapa da transição demográfica entre os países da América Latina, 2010.**

País	IDH	PIB Per Capita	Etapa da Transição Demográfica
Chile	0,819	15.372	Muito Avançado
Argentina	0,811	11.614	Avançado
Uruguai	0,792	14.703	Muito Avançado
Cuba	0,780	6.287	Muito Avançado
Panamá	0,780	9.454	Pleno
México	0,775	10.014	Pleno
Costa Rica	0,775	9.402	Avançado
Venezuela	0,748	12.733	Pleno
Perú	0,741	6.811	Pleno
Brasil	0,73	11.334	Muito Avançado
Equador	0,724	5.638	Pleno
Colômbia	0,719	7.761	Pleno
República Dominicana	0,702	5.794	Pleno
El Salvador	0,680	3.795	Pleno
Bolívia	0,675	2.625	Moderado
Paraguay	0,669	3.684	Pleno
Honduras	0,632	2.343	Pleno
Nicaragua	0,599	1.757	Pleno
Guatemala	0,581	3.337	Moderado
Haiti	0,456	773	Moderado

Fonte: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mencionado no início deste artigo, segundo um estudo encomendado pela OCDE (2010) chamado “The Future of the Family 2030”, projeta-se que até 2030 mais de 40% dos arranjos familiares dos países que compõe esta organização serão compostos por pessoas que moram sozinhas.

Os centros estatísticos dos países desenvolvidos já vêm há algum tempo detectando essa tendência de lares unipessoais em suas sociedades, e vêm buscando entender e dimensionar esse fenômeno. Contudo, grande parte da literatura produzida até agora se focou em entender os lares unipessoais ou pela ótica da saúde mental, se debruçando sobre as novas síndromes que vem acometendo pessoas que moram sozinhas, ou pela ótica da geriatria, dado que observamos muitos estudos que tentam analisar as pessoas da terceira idade que moram sozinhas e os desafios que isso acarreta.

Com isso posto, esse estudo se propôs a jogar luz sobre esse segmento da sociedade sobre perspectiva inovadora, para tal foi levado em consideração uma variável dependente, que era o *Share of one-person households* (SHOP), e cinco variáveis independentes: *Índice de Desigualdade de gênero* (GII), *Índice de Desenvolvimento Humano* (IDH), *Log da Renda per capita* (LnGDPPC), *Índice de Educação* (EI) e *Expectativa de vida ao nascer* (LE).

Conforme observamos na literatura, EI, GDPPC, IDH e o GII, foram as variáveis que mais se associaram linearmente aos lares unipessoais em uma escala global, respectivamente.

Todas essas variáveis tiveram uma correlação acima de 70%, sendo a *Índice de Educação* (EI) a variável que mais se associou aos lares unipessoais, com uma correlação de 77,71%. A única variável independente que apresentou uma correlação moderada foi *Expectativa de vida ao nascer* (LE), com  $\rho=60,08\%$ .

Entretanto, percebemos que as variáveis independentes aumentavam ou diminuam a coeficiente de correlação na medida em que fomos testando cada um dos clusters. Por exemplo, enquanto a variável *Índice de Desigualdade de gênero* (GII) obteve uma correlação de -70,4% com os lares unipessoais sob a *Perspectiva Global*, quando analisado para os países da OCDE a associação foi de -72,5%, já para União Europeia e América Latina, essa variável apresentou correlação mais fraca ( $\rho=-40,8\%$ ,  $\rho=-48,7\%$ , respectivamente.). A mesma lógica se seguiu pela variável independente *Índice de Educação* (EI), que se correlacionou 66,30% de todos os lares unipessoais da América Latina, entretanto, quando comparado com OCDE e União Europeia, essa variável apresentou coeficientes correlacionais de 54,3% e 50,9%, respectivamente.

Os resultados do nosso estudo corroboram com o que a literatura demográfica vinha sugerindo em termos de variáveis socioeconômica. Entretanto, ele abre espaço para várias outras frentes de investigação. Uma das primeiras observações que fizemos é como as correlações foram mais fortes quando comparamos todos os países do mundo, do que quando comparamos países por blocos. Quando comparamos todos os países do mundo entre si, além de termos um “n” maior, tínhamos diferentes realidades, logo a correlação se mostrava mais precisa. Entretanto, quando comparamos os dados entre os países da União Europeia, por exemplo, a homogeneidade desses países fez com que as variáveis não conseguissem ser relevantes em termos estatísticos.

Infelizmente, nosso estudo não conseguiu coletar dados suficientes da Ásia e da África, de forma que não pudemos fazer a análise desses dois continentes. Sugerimos que próximos estudos busquem identificar as variáveis socioeconômicas que expliquem os lares unipessoais nessas duas regiões.

Levando em consideração o que analisamos na literatura da segunda e a terceira transição demográfica, sugerimos também que os próximos estudos levem em consideração as variáveis: taxa de natalidade, imigração, emigração e divórcio. A taxa de natalidade é uma das variáveis que mais caracterizam a segunda e a terceira transição demográfica, e por sua vez, ela explica também se o país será um polo de atração a imigração ou emigração. Lembrando que imigração é uma das principais causas de lares unipessoais. E, por fim, a taxa de divórcio que é uma das variáveis que acreditamos ter uma das maiores chances de ter uma alta correlação com os lares unipessoais.

Um relatório da Euromonitor (2019b) colocou em xeque a real importância do segmento de mercado das pessoas que moram sozinhas. Segundo esse estudo, o crescimento na população de pessoas que moram sozinhas está se dando principalmente nas pessoas com mais de 65 anos, que vivem da sua aposentadoria ou de renda própria, ou de jovens adultos (estudantes ou jovens profissionais), que tem grande parte da sua renda comprometida com dívidas da universidade. E segundo concluiu o estudo, ambos os grupos têm oportunidades limitadas de aumentar sua renda.

Entretanto, esse estudo parece desconsiderar algumas questões fundamentais na sua análise. Ao contrário de vários países das Américas, onde a maioria das vagas disponíveis para o acesso à educação universitária está na iniciativa privada, em quase todos os países europeus a educação em todos os níveis é pública. Logo, ao contrário dos jovens das Américas que terminam a universidade com uma grande dívida devido aos seus estudos, os jovens europeus começam a sua vida adulta sem essa pressão financeira.

Outro ponto fundamental é relativo à questão da terceira idade. Enquanto na Europa a saúde pública é universal e a participação de instituições privadas é muito pequena, nos Estados

Unidos a saúde é praticamente toda privada, o que coloca bastante pressão no orçamento do público da terceira idade, que tem parte importante da sua renda comprometida para a saúde, seja para um plano de saúde, quanto remédios e outros. Entretanto, o continente americano tem muitos países e com diferentes olhares sobre a saúde, temos países como o Canadá, Argentina, Chile, Cuba e Uruguai onde a saúde é pública e universal. Temos o Brasil e México com um sistema híbrido de público e privado, e países como os Estados Unidos onde ela é praticamente privada. Essas diferenças serão fundamentais na compreensão de como será destinada a renda da terceira idade desses países.

Na contramão do estudo da Euromonitor (2019b), o IBGE (2010) concluiu que “O custo de vida (por pessoa) para unidades domésticas unipessoais é geralmente mais elevado do que para as unidades domésticas multipessoais”, ou como sugeriu Ogden e Hall (2000) viver sozinho pode estar ligado a mais, e não menos, dinamismo econômico.

O que podemos inferir desse debate acima é que os estudos parecem colocar lares unipessoais em um só cesta, entretanto como podemos ver, esse é um grupo multietário e multigeracional, com diferentes demandas e necessidades. Com isso dito, apesar do pontapé inicial do nosso artigo em traçar as principais variáveis socioeconômicas que mais explicam os lares unipessoais, faz-se agora imperativo novos estudos que comecem a distinguir as práticas sociais e o consumo de pessoas que moram sozinhas. Para entender quem são essas pessoas, seu padrão de compra, suas necessidades, seus anseios, entre outros aspectos.

Este estudo se propôs a jogar luz sobre o fenômeno dos lares unipessoais, um segmento da sociedade que cresce em relevância e participação nas novas composições dos domicílios em várias regiões do mundo.

Para os próximos estudos, sugerimos esforços no sentido de dimensionar e compreender as práticas emergentes e em desenvolvimento surgidas a partir dos arranjos familiares unipessoais. No sentido de identificar e problematizar os possíveis mercados, produtos e serviços criados a partir de um fenômeno já tão expressivo e ainda pouco compreendido.

## REFERÊNCIAS

Venkatesh, A., Peñaloza, L. and Firat, A.F. (2006) ‘The Market as a Sign System and the Logic of the Market’, in R.F. Lusch and S.L. Vargo (eds) *The Service-Dominant Logic of Marketing*, pp. 251–65. New York: M.E. Sharpe

CEPAL, (2004). Seminario “La fecundidad en América Latina y el Caribe: ¿Transición o revolución?”, disponível em: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/6729>

Ariès, P. História social da infância e da família. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

Daun, Åke. (2010). Individualism and collectivity among Swedes. DOI: <https://doi.org/10.1080/00141844.1991.9981433>

Soares, Suamy R. A feminização da pobreza e as políticas sociais focalizadas nas Mulheres: um debate a ser repensado In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 5., 2011, São Luiz. [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/QUES\\_TOES\\_DE\\_GENERO\\_ETNIA\\_E\\_GERACAO/A\\_FEMINIZACAO\\_DA\\_POBREZA\\_E\\_AS\\_POLITICAS\\_SOCIAIS.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/QUES_TOES_DE_GENERO_ETNIA_E_GERACAO/A_FEMINIZACAO_DA_POBREZA_E_AS_POLITICAS_SOCIAIS.pdf). Acesso em: 08 Abril 2022.

Gomes, Fernanda Marcela Torrentes (2017). O DEBATE EM TORNO DAS MULHERES NA POLÍTICA PÚBLICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/180867>

Pesquisa nacional por amostra de domicílios : síntese de indicadores 2015 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro : IBGE, 2016.

Ministério do Desenvolvimento Social, 2022. DOI: <https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/habitacao/minha-casa-minha-vida>

Nascimento, T. S. D., & Campos, D. C. (2013, April). Programa Bolsa Família como política pública destinada à erradicação da pobreza brasileira. In *Anais da Conferência Internacional de Estratégia em Gestão, Educação e Sistemas de Informação (CIEGESI)* (Vol. 1, No. 1, pp. 313-328).

Snell, K. D. M. (2017). The rise of living alone and loneliness in history. *Social History*, 42(1), 2-28., DOI: [10.1080/03071022.2017.1256093](https://doi.org/10.1080/03071022.2017.1256093)

Klinenberg, E. *Going Solo: The Extraordinary Rise and Surprising Appeal of Living Alone*; Penguin Press: New York, NY, USA, 2012

Ortiz-Ospina, Esteban. 2019. "The Rise of Living Alone: How One-Person Households Are Becoming Increasingly Common around the World." *Our World in Data*. DOI:<https://ourworldindata.org/living-alone>.

Lipovetsky, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

Lesthaeghe, R. (1991). *The second demographic transition in Western Countries: an interpretation* (pp. 199-2). Interuniversity Programme in Demography.

Lesthaeghe, Ron. 2014. "The Second Demographic Transition: A Concise Overview of Its Development." *Proceedings of the National Academy of Sciences* 111(51):18112–15

Alves, José Eustáquio Diniz y CAVENAGHI, Suzana Marta. *População e Desenvolvimento: a Terceira Transição Demográfica*. DOI: <https://www.ufjf.br/ladem/files/2009/05/JEDA-Terceira-TD1.pdf>

OECD (2011a), *FAMILIES are changing*. In: *DOING better for families*. Paris : Organisation for Economic Cooperation and Development (OECD), 2011. Chap. 1, p. 17-53. DOI:<http://dx.doi.org/10.1787/9789264098732-en>

OECD (2011b), *The Future of Families to 2030*, OECD Publishing, Paris, DOI: [10.1787/9789264168367-en](https://doi.org/10.1787/9789264168367-en)

CENSO DEMOGRÁFICO 2000. *Famílias e domicílios: resultados da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. 193 p. DOI:

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. *Características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 270 p. DOI:

*Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2015* / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro : IBGE, 2016. 108p. DOI:

Eurostat (2020). *European Commission Report on the impact of demographic change*. DOI:[https://ec.europa.eu/info/files/report-impact-demographic-change-reader-friendly-version-0\\_en](https://ec.europa.eu/info/files/report-impact-demographic-change-reader-friendly-version-0_en)

Uribe Díaz, P. I. (2010). Los hogares unipersonales: nueva tendencia en la estructura familiar. *Tendencias y Retos*, 1(15), 57-68. DOI:<https://ciencia.lasalle.edu.co/te/vol1/iss15/4/>

Leone, E. T., Maia, A. G., & Baltar, P. E. (2010). Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. *Economia e Sociedade*, 19(1), 59-77. DOI:<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8642727>

Reher, D., & Requena, M. (2018). Living alone in later life: a global perspective. *Population and Development Review*, 427-454. DOI:[10.1111/padr.12149](https://doi.org/10.1111/padr.12149)

Gaymu, J., Springer, S. & Stringer, L. (2012). How does Living Alone or with a Partner Influence Life Satisfaction among Older Men and Women in Europe?. *Population*, 67, 43-69. <https://doi.org/10.3917/popu.1201.0045>

Kramarow EA. The elderly who live alone in the United States: historical perspectives on household change. *Demography*. 1995 Aug;32(3):335-52. DOI: <https://doi.org/10.2307/2061684>

United Nations. *Living Arrangements of Older Persons around the World*; United Nations: New York, NY, USA, 2005

Lee, S. M., & Edmonston, B. (2019). Living Alone Among Older Adults in Canada and the U.S. *Healthcare (Basel, Switzerland)*, 7(2), 68. <https://doi.org/10.3390/healthcare7020068>



- Vespa, J. (2017). *The changing economics and demographics of young adulthood: 1975-2016* (pp. 1-23). Washington, DC: US Department of Commerce, Economics and Statistics Administration, US Census Bureau. DOI: <https://www.census.gov/content/dam/Census/library/publications/2017/demo/p20-579.pdf>
- Burlina, C., & Rodríguez-Pose, A. (2021). Alone and Lonely. The economic cost of solitude for regions in Europe. DOI: <https://ideas.repec.org/p/egu/wpaper/2133.html>
- Shrestha, L. B. (2011). *Changing demographic profile of the United States*. DIANE Publishing.
- Ullmann, H., Maldonado Valera, C., & Rico, M. N. (2014). La evolución de las estructuras familiares en América Latina, 1990-2010: Los retos de la pobreza, la vulnerabilidad y el cuidado. DOI: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/36717>
- Van de Kaa, D. J. Europe's Second Demographic Transition, *Population Bulletin* 42(1), Washington, PRB, 1987.
- Van de Kaa DJ. The idea of a second demographic transition in industrialized countries. *Birth*. 2002;35:45. DOI: [https://www.ipss.go.jp/webjad/Webjournal.files/population/2003\\_4/kaa.pdf](https://www.ipss.go.jp/webjad/Webjournal.files/population/2003_4/kaa.pdf)
- Van de Kaa DJ. Is the Second Demographic Transition a useful research concept? Questions and answers. *Vienna Yearbook of Population Research*. 2004:4-10. DOI: <https://www.jstor.org/stable/23025432>
- Alves, José Eustáquio Diniz. A Polêmica Malthus versus Condorcet reavaliada à luz da transição demográfica / José Eustáquio Diniz Alves. - Rio de Janeiro : Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2002.
- Coale, A (1979). The demographic transition: a summary, some lessons and some observations. In: CHO, L.; KOBAYASHI, K. (Ed.). *Fertility transition of east asian populations*. Honolulu : University Press of Hawaii. cap. 2.
- Barrón, S. "Familias monoparentales un ejercicio de clasificación conceptual y sociológica". *Revista del Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales*. 40 (2002): 13-31. 21 de febrero de 2009.
- Coleman, D. (2006). Immigration and ethnic change in low-fertility countries: A third demographic transition. *Population and development review*, 401-446. DOI: <https://www.jstor.org/stable/20058898>
- Euromonitor (2019a). Future of the Family. Trends in Consumer Spending. DOI: <https://www.euromonitor.com/future-of-the-family-trends-in-consumer-spending/report>
- Euromonitor (2019b). A Look at the Future of the Family. DOI: <https://www.euromonitor.com/article/a-look-at-the-future-of-the-family>
- Euromonitor (2019c). 10 PRINCIPAIS TENDÊNCIAS GLOBAIS DE CONSUMO 2022. DOI: <https://go.euromonitor.com/white-paper-EC-2022-Top-10-Global-Consumer-Trends-PG.html>
- Euromonitor (2020). The Future Consumer: Households in 2030. DOI: <https://go.euromonitor.com/strategy-briefing-consumers-2017-households-in-2030.html>
- Snell, K. D. M. (2017): The rise of living alone and loneliness in history. University of Leicester. Journal contribution. <https://hdl.handle.net/2381/39483>
- Putnam, R. *Bowling Alone. The Collapse and Revival of American Community* (New York, 2000), 326-32.
- Associated Press (2018). UK govt appoints loneliness minister to tackle social isolation. DOI: <https://www.youtube.com/watch?v=gHsrZlykhoM>
- Jones, W.H. Rose, J. and Russell, D. 'Loneliness and social anxiety', in H. Leitenberg (ed.), *Handbook of Social and Evaluation Anxiety* (New York, 1990), 247-66;
- Putnam, R. D. (2000). *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. Simon and schuster.